



PERCEPÇÕES E REFLEXÕES DOS AGENTES DA ESCOLA BÁSICA SOBRE OS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Siomara Cristina Broch¹, Cleonice Iracema Graciano dos Santos²

1 Instituto Federal Farroupilha - Campus Júlio de Castilhos | siomara.lago@iffarroupilha.edu.br

2 Instituto Federal Farroupilha - Campus Júlio de Castilhos | cleonice.graciano@iffarroupilha.edu.br

PERCEPÇÕES E REFLEXÕES DOS AGENTES DA ESCOLA BÁSICA SOBRE OS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

*Siomara Cristina Broch,
Cleonice Iracema Graciano dos Santos*

RESUMO

Este artigo apresenta e analisa as contribuições de gestores, coordenadores pedagógicos e docentes de escolas de Educação Básica, que receberam estagiários dos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Matemática do Instituto Federal Farroupilha campus Júlio de Castilhos nos anos de 2011 a 2017, sobre as experiências das atividades realizadas nas escolas e nas salas de aula nestes momentos de estágio. Foi um evento de extensão que proporcionou um espaço de reflexão teórica e prática sobre a importância dos estágios para a formação dos futuros docentes, a atuação da escola e dos sujeitos diretamente envolvidos com os estagiários, a função de formação que as escolas desenvolvem neste processo inicial e as contribuições que a Instituição formadora e os estagiários devem levar para as escolas. Os pontos abordados identificaram aspectos positivos que devem ser preservados, tais como a responsabilidade, a dedicação e a flexibilidade dos estagiários para se ajustar à rotina escolar e às orientações dos professores regentes das turmas de estágio. Também aponta como pontos fracos que precisam ser melhorados a maior interação entre os supervisores e orientadores da Instituição e os regentes e supervisores da Escola. Além disso, trazem sugestões diversas para aprimorar a prática dos estágios na formação inicial dos futuros docentes.

Palavras-Chave: Formação de professores. Estágio Curricular Supervisionado. Orientação de estágio. Licenciatura.

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Federal Farroupilha atende aos objetivos dos Institutos Federais, expressos na Lei 11.892/2008, que estabelece a oferta de, no mínimo, 20% de suas vagas em cursos de Licenciatura, sobretudo nas áreas de Ciências e Matemática. No campus Júlio de Castilhos há dois cursos de Licenciatura em funcionamento, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas. O Curso de Licenciatura em Matemática entrou em funcionamento no *campus* no ano de 2009 e o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no ano de 2013. Os Projetos Pedagógicos de cada Curso (PPC) os estruturam em 8 semestres, com carga horária total de 3.376 horas na Licenciatura em Matemática e 3.304 horas na Licenciatura em Ciências Biológicas. Em ambos os Cursos, a partir do 5º semestre, existe uma disciplina de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) em cada semestre, totalizando 400 horas de estágio durante o Curso, como dispõe a Resolução CNE/CP nº 2/2002, Art. 1º, inciso I.

Assim, no Curso de Licenciatura em Matemática, desde o ano de 2011, e no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, desde o ano de 2015, semestralmente temos acadêmicos realizando atividades de ECS e em práticas nas Escolas de Educação Básica (EEB) da região, especialmente nas redes públicas e privada dos municípios da região de abrangência da 8ª e 9ª Coordenadorias Regionais da Educação. Portanto, o acadêmico, durante a formação inicial na Licenciatura, intensifica a aproximação com o futuro ambiente profissional nas disciplinas de estágio, já que lhe é oportunizado estabelecer um vínculo com as comunidades escolares, no intuito de contemplar conhecimento, desenvolvimento e interação com as necessidades educacionais da região na qual está inserido.

As atividades de prática da profissão docente, além de oportunizar ao acadêmico a vivência da docência, possibilitam que o contato com os futuros colegas de profissão, gestores, servidores e docentes, gere compartilhamento de conhecimentos e saberes oriundos da experiência profissional de cada um e, desta forma, a EEB assume um papel de co-formadora dos acadêmicos estagiários durante a formação inicial.

Em 2017, os docentes dos Cursos de Licenciatura do *campus* sentiram a necessidade de um *feedback* das EEB sobre a presença e a atuação dos estagiários e das atividades por eles desenvolvidas durante o período dos ECS, para identificar os pontos fortes e aspectos a melhorar nesta prática. Assim, foi organizado no *campus* um evento de extensão denominado “*I Encontro de Reflexões sobre os Estágios das Licenciaturas do IFFar – campus Júlio de Castilhos*”, que ocorreu no dia 19 de setembro do mesmo ano, nas dependências da Instituição.

Este artigo relata o contexto em que o evento se situa, o planejamento e as contribuições. O texto apresenta, inicialmente, como é realizado o ECS nos Cursos de Licenciatura do *campus*, faz uma breve referência teórica sobre os estágios e as práticas nas EEB na formação do futuro professor e depois apresenta e discute as principais contribuições que os participantes do evento trouxeram para a melhoria das disciplinas de ECS nestes Cursos.

2 O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NOS PROJETOS POLÍTICO PEDAGÓGICO DOS CURSOS DE LICENCIATURA

A partir do ano de 2014, entrou em vigor nos Cursos de Licenciatura da Instituição PPC remodelados, discutidos internamente pelos Núcleos Docentes Estruturante dos Cursos e, em nível Institucional, por Grupos de Trabalho especialmente constituídos para este fim. Nestas novas regulamentações, encontra-se a função do ECS como um dos instrumentos para a aprendizagem do exercício da prática profissional, considerando que ela “permeia todo o currículo do curso, desenvolvendo-se através da prática enquanto componente curricular (PeCC) e do estágio curricular supervisionado” (IFFAR, 2014b, p. 29). Além disso

[...] O estágio curricular supervisionado é um componente curricular obrigatório, entendido como tempo de aprendizagem, no qual o formando exerce *in loco* atividades específicas da sua área profissional sob a responsabilidade de um profissional já habilitado (IFFAR, 2014b, p.37).

[...] é uma atividade que possibilita ao futuro profissional conhecer aspectos da realidade onde irá atuar e uma oportunidade para fazer uma leitura dos espaços escolares, experimentar a docência e enxergar por si próprio, e à sua maneira, métodos utilizados, resultados pretendidos e refletir sobre suas ações (IFFAR, 2014a, p.35).

O período de estágio nos Cursos de Licenciatura do *campus* é dividido em duas etapas: o ECS I e II com foco no Ensino Fundamental e o ECS III e IV com foco no Ensino Médio. A proposta de trabalho destas disciplinas é ser sequenciais e dependentes. Durante os ECS I e III, na EEB, o acadêmico é inserido no espaço educativo do referido nível de ensino, conhece a organização administrativa e pedagógica da escola, observa o trabalho docente em sala de aula e aproxima-se dos alunos, docentes e servidores que fazem o dia a dia escolar.

Concomitantemente a isso, na Instituição de Ensino Superior (IES) formadora, o licenciando tem oportunidade de analisar e discutir a organização da escola e do currículo da disciplina (sequência de conteúdos, definições, conceituação e

dimensão), as relações didáticas e pedagógicas em sala de aula e planejar a prática docente de regência para o próximo semestre (que ocorrerá no ECS II e IV, respectivamente). A metodologia do estágio propõe um estagiário-pesquisador, em que observa, descreve, reflete e teoriza sobre necessidades e alternativas de solução, preparando-se para a próxima fase de atuação-regência.

No ECS II e IV, o acadêmico volta à escola para efetivar a prática de planejamento de aula, monitorias e regência de classe, participando ativamente no dia a dia escolar, sob a orientação e supervisão do professor regente da disciplina na qual o licenciando está realizando o estágio na escola. Na IES, ele planeja as atividades educativas, com apoio e em interação com o professor orientador, com o professor supervisor regente da disciplina e com os colegas e, concomitantemente à prática, analisa, discute e troca experiências sobre a própria ação docente e dos colegas.

A EEB também designa um supervisor que irá acompanhar e orientar as atividades realizadas pelo estagiário; nos ECS I e III geralmente é o Coordenador Pedagógico da escola, enquanto nos ECS II e IV é, preferencialmente, o professor regente da disciplina de Matemática ou de Ciências Biológicas/Biologia da turma na qual será realizado o efetivo exercício da docência, acompanhado pelo Coordenador Pedagógico. Estes sujeitos professores da EEB e da IES acompanham e orientam os acadêmicos no planejamento e condução das atividades, num espaço de formação e construção de saberes necessários para o bom desempenho das práticas e, ao mesmo tempo, oriundos destas atividades.

3 O PAPEL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO FUTURO PROFESSOR

O estágio é o momento de imersão do acadêmico no cotidiano da EEB e vai muito além das atividades de sala de aula, envolve conhecer os sujeitos que fazem esta escola e compreender a realidade e o contexto da escola. Nesta perspectiva, o estágio “se constitui como um campo de conhecimento [...] se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas” (PIMENTA & LIMA, 2005/2006, p.6).

As atividades de estágio e as experiências assim construídas e compartilhadas possibilitam a reflexão teórica e prática entre os atores deste processo: acadêmicos-estagiários, professores orientadores e supervisores, tornando-se um espaço-tempo de formação ampla, em que se destacam dois pontos principais: a formação inicial para os acadêmicos concomitante com a formação continuada para os professores; a cumplicidade da responsabilidade na formação dos acadêmicos pela IES e pela EEB. Neste aspecto, quando o estágio é realizado sob a perspectiva de pesquisa-

-ação reflexiva, ambas instituições são espaços de formação e toda a comunidade educacional envolvida é beneficiada, pois, segundo Aroeira (2014):

[...] nos processos de formação docente, aprendemos entre o chão da escola e o da universidade, que as parcerias fortes com a escola são uma importante articulação que o estágio pode fomentar, especialmente quando a formação de professores ocorre na perspectiva de coformação entre os formadores universitários e os docentes de estabelecimentos que acolhem os estagiários (p. 114).

[...] se concebermos o estágio como oportunidade de reflexão da prática docente, não só professores-alunos, mas também professores orientadores e professores regentes da escola encontram nesse processo oportunidade para res-significar sua identidade profissional, que está em constante construção a partir das novas demandas que a sociedade coloca para a ação docente na escola (p.147).

Para Imbernón (2017), o estágio é uma experiência de formação e profissionalização no local do trabalho, junto com a comunidade escolar, em que se valorizam as experiências dos professores e as convertem em aprendizagens. Ele defende que os estágios devem contar com a participação dos professores das escolas em todo o processo, respeitando a autonomia do estagiário, mas oferecendo apoio, gerando entusiasmo e favorecendo a aprendizagem dos alunos. O estágio nesta concepção é uma via de comunicação e interação com os professores, possibilitando a reflexão sobre o planejamento das aulas desenvolvidas com a proposta educativa da escola. Também para os profissionais da educação é uma oportunidade de formação na e para a mudança, em que eles assumem como tarefa coletiva a intervenção no processo de seu desenvolvimento profissional, a partir das possibilidades que o trabalho do estagiário possa contribuir. Segundo Imbernón (2014, p.94) o professor de estágio supervisionado deve exercer a função de “guia e mediador entre iguais” de forma que ajude o licenciando a “transpor os obstáculos pessoais e institucionais” e construir “um conhecimento compartilhado mediante uma reflexão crítica”.

Tardif (2014) propõe um repensar nas relações entre teoria e prática, assumindo que os professores das escolas, no desempenho profissional, são atores ativos e produtivos de saberes docentes que só surgem com a vivência dos momentos de ensino e aprendizagem e suas conexões, ou seja, saberes que só a prática da docência pode oportunizar. Para ele, o trabalho dos professores, o dia a dia escolar, e “a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática” (p. 234). O autor considera que esses saberes oriundos da prática só podem ser desenvolvidos pelos licenciandos através do contato gradativo e constante com a profissão, com os professores regentes das turmas nas escolas, com a

forma de eles darem aulas, de ensinar e interagir com os alunos, com as facilidades e dificuldades, motivações e realidade dessa geração de estudantes. Assim, aponta a importância de o profissional docente compartilhar os conhecimentos com os licenciandos, futuros professores, durante o processo de formação inicial, sendo o estágio um momento deste contato.

Pimenta (1999) insiste que a prática docente e a prática pedagógica escolar estejam articuladas aos seus contextos, problematizando a realidade de ensino nas escolas, para desenvolver nos acadêmicos atitudes investigativas. Sugere resignificar os processos formativos a partir da reconsideração dos saberes necessários à docência, colocando a prática docente e pedagógica da escola como objeto de análise. Assim, tratar os estagiários como futuros docentes, para que se coloquem na condição e necessidade de trabalhar coletivamente nas escolas, para enfrentar o desafio de conviver (falar e ouvir) com linguagem e saberes diferentes dos campos específicos de saberes, é fundamental para efetivar um trabalho interdisciplinar.

A escola representa não apenas um campo de estágio, mas um espaço formativo que, pela interação entre acadêmicos e professores já formados, possibilita a aprendizagens numa via de mão dupla, através dos saberes produzidos na prática profissional nos diferentes espaços da escola.

4 METODOLOGIA

Para participar do “I Encontro de Reflexões sobre os Estágios das Licenciaturas do IFFar – *campus* Júlio de Castilhos” foram convidados os diretores, coordenadores pedagógicos e professores regentes das disciplinas de Matemática e de Ciências das EEB da região que receberam estagiários no período de 2011 a 2017.

Antes do evento, foi realizada uma visita a cada escola para fazer o convite e explicar os objetivos da atividade. Foi solicitado que cada convidado manifestasse previamente a opinião por escrito, de forma objetiva, num formulário e o entregasse no dia. As informações solicitadas foram referentes ao tempo de parceria recebendo acadêmicos estagiários; aspectos positivos, negativos e sugestões sobre relacionamento com os estagiários e com o *campus* (com o supervisor e orientador do estágio), sobre as aulas planejadas e ministradas e demais atividades desenvolvidas pelos estagiários.

Durante o evento, a socialização de vivências foi realizada no formato de roda de conversa, em que as escolas participaram com um ou mais representantes e expuseram os aspectos julgados mais importantes sobre as experiências nestas atividades de estágio com os acadêmicos do *campus* nas dependências da escola. As falas e debates foram gravados e analisados posteriormente, bem como as res-

postas contidas nos formulários entregues pelos participantes do evento.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As experiências de estágio, do ponto de vista das EEB que recebem e proporcionam a prática desta etapa de formação, possibilitou identificar aspectos positivos que devem ser preservados, bem como pontos fracos que precisam ser melhorados. Além disso, trazem sugestões diversas para aprimorar a prática dos estágios na formação inicial dos futuros docentes.

Dividimos a análise das contribuições em três grupos: o relacionamento da escola com o acadêmico estagiário; o relacionamento da EEB (Direção, Coordenador Pedagógico e Professor Regente) com a IES (Supervisor e Orientador do Estágio) e as aulas e atividades desenvolvidas durante o estágio.

5.1 Sobre o relacionamento das EEB com o Estagiário

De um modo geral, os professores regentes das turmas de estágio dizem que os estagiários são responsáveis e pontuais quanto aos horários, são participativos em projetos e atividades desenvolvidas nas escolas, procuram seguir o planejamento da escola e cumprem as normas estabelecidas, são carismáticos, esforçados e dedicados, são organizados quanto aos recursos materiais necessários às aulas que planejam, mostram-se disponíveis quando solicitados para conversar com eles, apresentam e discutem o plano de aula e aceitam sugestões de atividades e metodologias.

Os diretores consideram o relacionamento com os estagiários bom, mas, às vezes, restrito. Eles valorizam o estagiário e os consideram interessados e carismáticos, como exemplifica o depoimento:

A equipe gestora sempre teve a preocupação de acolher os estagiários, pois sabemos da importância desse primeiro contato que o aluno-professor terá com seu futuro campo de atuação. Os mesmos apresentam-se sempre com um encaminhamento por escrito e a escola está sempre à disposição para as informações necessárias. O relacionamento sempre foi muito bom. [...] Os estagiários são organizados, cumprem as normas internas da escola, comunicam as alterações que surgem em tempo hábil, mantêm um bom relacionamento com os alunos, planejamento criativo e trabalham com base no PPP da escola (Diretor Escola 1).

Os Coordenadores Pedagógicos consideram o relacionamento com os estagiários bom e dizem que procuram disponibilizar todas as informações referentes à escola e à organização dela, para que os estagiários tenham todas as orientações necessárias. Consideram os estagiários receptivos às sugestões, pontuais e participativos nas atividades da escola. Algumas escolas reclamaram do Plano de Atividade de Estágio, quanto ao ajuste de horário para a regência de classe, em que os

acadêmicos “[...] chegam à escola com o cronograma pronto sem saber do calendário escolar onde realizarão o estágio” (Coord. Pedagógico Escola 2). Apontam que em alguns estágios, especialmente nas Ciências Biológicas, pela carga horária semanal reduzida nas turmas é difícil cumprir a carga horária de regência de classe exigida no estágio durante apenas um semestre. Reclamam também de alguns estagiários que faltam e não comunicam a escola antecipadamente.

5.2 Sobre o relacionamento das EEB com a IES

Neste aspecto, os depoimentos reforçam a necessidade de fortalecer a interação e aproximação dos supervisores e orientadores da IES com os professores regentes das turmas de estágio e com a direção e coordenadores pedagógicos da escola.

É importante que o orientador acompanhe mais de perto os estagiários, pois dificilmente comparece a escola para fazer uma visita [...]. Faltam orientações e critérios de avaliação (Coord. Pedagógico Escola 2).

Somente tive contato quando foi solicitado a vaga de estágio (Diretor Escola 3).

O que observamos é que o orientador de estágio deve ser mais presente, pois vem apenas uma ou duas vezes, deve conversar mais com os professores da classe. Pois não tem essa comunicação sobre os alunos, devem reunir-se com os professores, pois os mesmos nem ficam sabendo sobre o que eles esperam dos estagiários, dos critérios para avaliação (Coord. Pedagógico Escola 4).

Poderia ser feito mais de uma visita para haver uma maior interação entre o professor e o orientador (Prof. Regente Escola 1).

Geralmente, recebemos a visita dos Coordenadores antes dos estagiários chegarem à escola. Considero isso um ponto positivo, é uma forma de valorizar nosso educandário e o trabalho que ali será desenvolvido (Diretor Escola 1).

Uma sugestão é que a supervisora de estágio do IFF venha até nossa escola para conversar com a supervisão e prof titular sobre os estagiários e que não fosse necessário o prof titular ir até o IFF para participar da apresentação do TCC do estagiário, já que este ano tem vários. Poderia se pensar numa forma diferente de avaliá-los, por exemplo, por escrito (Prof. Regente Escola 5).

Algumas escolas dizem ter contato com o *campus* antes de receber o estagiário ou durante as visitas de supervisores ou orientadores, porém relatam que são poucas e insuficientes. Reclamam da falta de esclarecimento quanto à metodologia do desenvolvimento do estágio, do esclarecimento quanto às funções do supervisor da escola junto aos estagiários e dos critérios de avaliação sobre a prática do estágio. Esta preocupação é muito importante, pois mostra que a escola campo de estágio quer assumir seu papel de também responsável pela formação do futuro

professor, mantendo uma ação em sintonia com a proposta pedagógica e formativa dos Cursos de Licenciatura.

No processo avaliativo do acadêmico estagiário nos Cursos de Licenciatura do *campus* está previsto um instrumento escrito de avaliação do professor regente da turma de estágio da Escola. Às vezes, também é convidado o professor regente da turma que recebeu o estagiário, especialmente nos estágios de regência, para fazer parte da banca avaliativa de apresentação do artigo ou do relatório de estágio. Esta atitude visa a aproximar as Instituições e os sujeitos envolvidos, valorizando os professores das escolas em saberes e contribuições. Em alguns casos, houve manifestação de dificuldades devido a distâncias ou aos horários para o professor vir até o *campus* participar destes momentos.

Um ponto indiretamente abordado é a contribuição das atividades de estágio para a escola, pois quando esta oportuniza as dependências aos licenciandos em formação expõe a rotina escolar, as atitudes formadoras, as fragilidades e as aspirações. Por outro lado, os estagiários e orientadores, pelas ações, aproximam da escola novas propostas, bem como promovem a reflexão dos diretamente envolvidos quanto ao objetivo da escola da formação integral e cidadã dos alunos. Os professores, estagiários e orientadores compartilham metodologias de ensino, recursos didáticos, conhecimentos científicos e pedagógicos e mutuamente promovem uma formação continuada profissional.

5.3 Sobre as aulas e atividades do estagiário na escola

Os professores regentes das EEB relataram, como um ponto positivo, o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação nas atividades planejadas pelos estagiários. Comentaram que os estagiários mantêm um bom relacionamento com os alunos, fazem um planejamento criativo e trabalham de acordo com os conteúdos propostos pela escola, observando o Projeto Político Pedagógico dela. São organizados nas aulas, procuram trazer aulas diferentes, com práticas, quando possível, e aceitam sugestões.

Aulas bem elaboradas e planejadas; como a maioria das turmas estão com conteúdos atrasados, as aulas têm sido mais tradicionais; explicações bem feitas (Prof. Regente Escola 3).

Aulas de Matemática – boas com a preocupação dos estagiários em realizar um bom trabalho. Desenvolver mais práticas pedagógicas. Aulas de Biologia – Conseguiram desenvolver um bom trabalho. Sugiro que as próximas desenvolvam mais aulas expositivas e práticas (Coord. Pedagógico Escola 2).

Sempre atentos a situações que ocorrem no dia a dia, participativos em todas as atividades desenvolvidas extraclasse e comprometidos com o desenvolvimento dos conteúdos de sua disciplina. Acreditamos e da-

mos oportunidade para que possam se tornar profissionais competentes (Diretor Escola 7).

Todos estão procurando desenvolver os conteúdos de forma clara e aplicando-os de maneira compreensível (Prof. Regente Escola 5).

Alguns regentes sugerem que os estagiários desenvolvam projetos ou trabalhos mais práticos ou de pesquisas nas áreas, como mostras ou feira de ciências, gincanas, dentre outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evento oportunizou um espaço de reflexão sobre a importância dos estágios para a formação dos futuros docentes, sobre a atuação da escola e dos sujeitos diretamente envolvidos com os estagiários e a função de formação que as escolas desenvolvem na formação inicial dos futuros docentes, além de apontar contribuições que a Instituição formadora e os estagiários levam para as escolas.

A formação inicial dos futuros professores é cada vez mais desafiadora diante de um mundo de incertezas em que a mudança é constante, exigindo um processo permanente de adaptação e readaptação do fazer docente. A inserção dos licenciandos na EEB não se resume à regência e à instrumentação técnica, mas perpassa pelo conhecer, interagir, investigar e colaborar, o que leva à compreensão do contexto escolar e da profissão docente. Neste aspecto, além da IES, a EEB atua como co-responsável na formação inicial, através da atuação dos professores supervisores e orientadores dos estágios, dos coordenadores pedagógicos e dos gestores junto aos licenciandos, fazendo-os participar e refletir sobre a dinâmica escolar.

Ao receber estagiários e ser co-formadora neste processo de formação inicial do futuro professor, é proporcionada uma formação continuada aos docentes que já estão em exercício, tanto da EEB como da IES. É uma parceria que traz aprendizagens e possibilidades mútuas, ainda que existam aspectos que precisam ser aprimorados.

REFERÊNCIAS

AROEIRA, K. P. **Estágio Supervisionado e possibilidades para uma formação com vínculos colaborativos entre a universidade e a escola.** In: ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S. G. (Orgs.). Estágios supervisionados na formação docente. São Paulo: Cortez, 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA – IFFAR. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – campus Júlio de Castilhos.** Júlio de Castilhos, 2014a.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA – IFFAR. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática – campus Júlio de Castilhos.** Júlio de Castilhos, 2014b.

BRASIL. Ministério de Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002.** Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília, DF: Ministério da educação 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da educação, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. Um futuro desejável na formação docente. Entrevista (fimebrnon@ub.edu) (2017). **Revista Pátio**, ed.81 fev./abr. 2017. Disponível em: <https://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/13053/um-futuro-desejavel-na-formacao-docente.aspx>. Acessado em: 08 abr. 2018.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2014.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, S. G. (org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez editora, 1999. p. 15-34.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3, 4, p. 5-24, 2005/2006.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.